

“É preciso combater as corporações” nas universidades

Ministro diz que é “inadmissível” haver escolas onde todos os docentes se formaram na casa

Os números foram revelados esta semana pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) e mostram sem margem para dúvidas que há faculdades onde as práticas

de contratação para professor catedrático, associado e auxiliar privilegiam quase sempre, nalguns casos sempre, os candidatos internos, ou seja, aque-

les que fizeram a sua carreira e

doutoramento naquela mesma instituição. O fenómeno tem um nome — endogamia académica —, concentra-se nalgumas faculdades e áreas científicas e deve ser combatido pelas próprias estruturas da universidade, defende o ministro do Ensino Superior, Manuel Heitor, sem poupar nas críticas às escolas onde a imobildade é maior.

“São inadmissíveis práticas onde 100% dos docentes que estão nos quadros fizeram o doutoramento na instituição que os contratara. Essas práticas

nada têm que ver com falta financiamento ou com a estrutura legal. Têm que ver com corporações internas que têm de ser combatidas internamente, por reitores e conselhos gerais das universidades”, apela Manuel Heitor. E a prova de que o problema não decorre da lei ou da falta de verbas, argumenta, está no facto de haver faculdades, nas áreas de Economia e algumas engenharias, “onde 60% ou até menos de metade dos seus professores foram formados na casa”. “Esses são valores aceitáveis”, reforça.

De acordo com o levantamento da DGEEC, os indicadores “mais elevados de imobildade académica” encontram-se na Universidade de Coimbra: 80% dos seus docentes de carreira realizaram o doutoramento na própria instituição, sendo que a nível nacional o valor está nos 70%.

Concursos que não abrem

Mas há grandes diferenças entre escolas da mesma universidade. O relatório aponta as faculdades na área do Direito —

em Coimbra, os 53 docentes de carreira doutorados receberam esse grau naquela universidade —, Medicina, Desporto e Letras —, como tendo os maiores níveis de endogamia académica, com taxas acima dos 90%. No extremo oposto, está a área da Economia. Na faculdade da Universidade Nova de Lisboa, apenas 8% formaram-se lá e 75% numa instituição estrangeira.

“Há áreas científicas muito bem identificadas e práticas dentro de algumas escolas universitárias que mostram que não exercem uma autonomia responsável”, conclui Manuel Heitor. Para o ministro, em causa não está apenas o eventual benefício de professores da casa nos concursos dos professores, porventura em prejuízo do maior mérito de outros candidatos. “As áreas de maior endogamia são também as áreas em que há menor recrutamento e onde abrem menos concursos, nomeadamente a Medicina. Nesta área temos menos de 10% de professores catedráticos. A nível nacional, representam 30% do

NÚMEROS

70%

dos docentes de carreira doutoraram-se na mesma instituição de ensino superior em que dão aulas.

Apenas 10% obtiveram o grau de doutor noutra instituição portuguesa

80%

dos docentes na Faculdade de Economia da UNL formaram-se na casa e 75% no estrangeiro

corpo docente, quando deviam corresponder a 50 a 70%. Os quadros estão longe de estar cheios e há um défice brutal de de associados e catedráticos”.

A situação é tanto mais incompreensível quanto é sabido que há jovens com capacidade científica e que a situação evoluiu muito no país. “Há 15, 20 anos não havia pessoas para ocupar essas posições. Hoje não há razão nenhuma para continuar a haver endogamia”, acredita Manuel Heitor.

O ministro recusa assumir o papel de “polícia” das instituições e defende que é, respeitando a autonomia das universidades, e por via da “avaliação” que as “práticas conservadoras de contratação” e a “falta de abertura de concursos” têm de mudar. Estes são critérios que vão ser tidos em conta no próximo ciclo de avaliação das universidades. “Tem de ser um combate direto dentro das próprias estruturas universitárias. Estes dados só me levam a apelar à responsabilização das instituições, para que possam modernizar-se”. I.L.